

JUVENTUDE RURAL E O CULTIVO DO TABACO: ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DE JOVENS PRODUTORES DE ARROIO DO TIGRE/RS

Grupo de Pesquisa K. Agricultura Familiar e Desenvolvimento Rural

Alessandra Troian¹
Angela Luciane Klein²
Fábio Kessler Dal Soglio³

Resumo

A juventude é uma categoria socialmente destacada, uma fase de transição e de mudanças que merecem serem estudadas, sobretudo a juventude rural que se torna invisível mediante o processo de socialização da agricultura. Invisibilidade esta que muitas vezes desencadeia na saída do meio rural. Neste sentido, o estudo objetiva discutir a respeito das percepções dos jovens rurais em relação ao cultivo de tabaco e como esse aspecto tem interferido no desenvolvimento da economia, sobretudo no município de Arroio do Tigre/RS. Metodologicamente, entrevistou-se 18 jovens de 11 diferentes comunidades rurais do município de Arroio do Tigre, região central do Rio Grande do Sul, Brasil. O recorte do estudo limitou-se a jovens na faixa etária entre 14 a 25 anos que projetam suas vidas no meio rural. Como resultados, verificou-se que há grupos favoráveis ao cultivo do tabaco, ressaltando percepções positivas e ainda, jovens com percepções negativas. Para estes últimos, o tabaco é visto como sendo responsável pela saída do meio rural e, por fim, jovens que percebem o cultivo de forma neutra. Conclui-se desse modo, que mesmo o tabaco sendo um cultivo de suma relevância para o desenvolvimento econômico do município, precisa-se de ações urgentes que venham de encontro com as demandas dos jovens –futuro do rural- e das condições e limitações do meio ambiente.

Palavras-chave: Juventude. Rural. Cultivo de tabaco. Desenvolvimento econômico.

Abstract

Youth is a socially detached category, a phase transition and changes that deserve to be studied, especially rural youth who becomes invisible through the process of socialization of agriculture. This invisibility that often triggers the output of the rural environment. In this sense, the study aims to discuss on the perception of rural youths regarding the cultivation of tobacco and how this aspect has hindered the development of the economy, especially in the municipality of Arroio do Tigre / RS. Methodologically, was interviewed 18 young people from 11 different rural communities in the municipality of Arroio do Tigre, the central region of Rio Grande do Sul, Brazil. The outline of the study was limited to young people aged

¹ Bacharel em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial (UERGS), doutora em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, professora da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). E-mail: xatroian@gmail.com.

² Pedagoga (UFSM), mestre em Desenvolvimento Rural pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: angelaklain@yahoo.com.br.

³ Agrônomo, mestre em Fitotecnia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, doutor em Fitopatologia - University of Illinois at Urbana-Champaign. Professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: fabiods@ufrgs.br.

between 14 to 25 years designing their lives in rural areas. As a result, it was found that there are favorable to the cultivation of tobacco groups, highlighting positive perceptions and also young people with negative perceptions. For the latter, tobacco is seen as being responsible for the output of the countryside and eventually realize that young people growing neutrally. It follows therefore, that even tobacco cultivation being one of paramount importance for the economic development of the municipality, one needs urgent actions that meeting the demands of young people - the future of rural and conditions and limitations of the medium environment.

Keywords: Youth . Rural. Growing tobacco. Economic development.

1 INTRODUÇÃO

Nas duas últimas décadas visualiza-se um crescimento gradual de estudos voltados para o desenvolvimento rural. Temas como agricultura familiar, atividades agrícolas e não agrícolas, multifuncionalidade da agricultura, pluriatividade, dinâmicas socioambientais no espaço rural, dinâmicas territoriais e movimentos sociais têm ganhado destaque nos debates acadêmicos e também políticos, a partir da estruturação de novas políticas públicas relacionadas a esses processos. Contudo, há alguns temas que, embora possuam uma importância acentuada no contexto do desenvolvimento rural, ainda permanecem num plano secundário em termos de pesquisas científicas, com estudos pouco expressivos, a exemplo da juventude rural.

Segundo Weisheimer (2009), a juventude rural na agricultura familiar do estado do Rio Grande do Sul ainda está por ser estudada e escrita, isso porque o processo social deixa os jovens invisíveis e acaba afastando-os dos focos e objetos de pesquisas. Ainda, de acordo com Frossard (2003), a relação dos jovens com o meio rural pode ser de cunho profissional, enquanto alternativa de vida ou de falta de perspectivas em outras realidades sociais.

Caracterizada como uma categoria variável, a juventude rural é socialmente construída, invisível para a maioria dos analistas das questões rurais e que lentamente tem despertado o interesse dos órgãos públicos (DURSTON, 1999), embora, no meio rural a discussão sobre tal temática expõe o papel que os jovens desempenham na continuidade da agricultura.

Na agricultura familiar, embora os jovens apareçam inseridos desde muito cedo nas tarefas ligadas à produção e apesar de não terem o devido espaço na tomada de decisões em função do excesso de paternalismo existente, considera-se extremamente importante reconhecer que os jovens são atores centrais no processo de desenvolvimento rural, da mesma

forma que são os responsáveis pela introdução da diversificação de cultivos, sobretudo em regiões produtoras de tabaco (TROIAN, 2014).

Em face disso e partindo do pressuposto de que para haver desenvolvimento rural é necessário a presença de capital humano, sobretudo dos jovens, numa perspectiva de que estes permaneçam no meio rural, promovendo o desenvolvimento local, o presente estudo tem como propósito apresentar alguns resultados de uma pesquisa científica⁴, cujo objetivo consistiu em analisar as percepções dos jovens em relação ao cultivo de tabaco e como este aspecto tem interferido no desenvolvimento da economia. Para tanto, entrevistou-se 18 jovens rurais de 11 diferentes comunidades rurais de Arroio do Tigre/RS. O recorte do estudo limitou-se a jovens, filhos de produtores de tabaco, na faixa etária entre 14 a 25 anos de idade que projetam suas vidas no meio rural.

Desse modo, inicialmente faz-se uma breve discussão envolvendo questões sobre a juventude rural, destacando algumas definições e especificidades dessa categoria. Posteriormente, apresenta-se a metodologia e os resultados decorrentes do estudo e, por fim, tecem-se algumas considerações acerca das percepções dos jovens rurais produtores e/ou filhos de agricultores familiares que produzem tabaco na região central do Estado.

2 JUVENTUDE: BREVES CONSIDERAÇÕES

Um dos principais desafios colocados aos pesquisadores que estudam processos sociais protagonizados pelos jovens é a definição conceitual e analítica do objeto de pesquisa (WEISHEIMER, 2009). Não existe apenas um conceito sobre juventude, as diferentes maneiras de olhar a juventude correspondem a diferentes perspectivas.

Segundo Gomes (2001), múltiplas são as juventudes numa sociedade heterogênea, marcada pela discriminação, pelas desigualdades econômicas e sociais e pela existência de sistemas culturais hierárquicos e diversificados, pois, a juventude é ao mesmo tempo uma condição social e uma representação.

Para alguns autores, a juventude é uma categoria socialmente destacada, uma fase de transição, de mudanças. A juventude é vista como um “vir a ser”, sendo uma passagem para a vida adulta, por isso, é uma fase que se relaciona com o passado, fase da infância, ao mesmo tempo em que se conecta com o futuro, a vida adulta. A juventude pode ser entendida como

⁴ A pesquisa resultou na Tese de Doutorado “Percepções e projetos de jovens rurais produtores de Tabaco em Arroio do Tigre/RS”, da primeira autora, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – PGDR/UFRGS, no ano de 2014.

um momento no qual se vive de forma mais intensa um conjunto de transformações que vão estar presentes, de alguma maneira, ao longo da vida (DAYRELL, 2003).

Conforme Weisheimer (2005) existem cinco principais abordagens utilizadas nas definições conceituais sobre a juventude: faixa etária; ciclo de vida; geração; cultura ou modo de vida e representação social.

A juventude como uma faixa etária é utilizada em algumas pesquisas que ancoram sua definição utilizando como critérios a idade dos pesquisados. Para isso, os pesquisadores geralmente apoiam-se em indicadores demográficos, critérios normativos ou padrões estabelecidos pelos organismos internacionais. De acordo com Abramovay et al., (1998), no Quênia, a partir dos oito anos de idade já são considerados jovens, em Botswana, a idade vai de dez a 22 anos e na Colômbia entre 16 e 28 anos. Segundo as Nações Unidas, a juventude compreende o período entre 15 e 24 anos, embora a Comissão Econômica para a América do Sul e Caribe - CEPAL avance até 29 anos quando se trata de jovens rurais. O Brasil segue o padrão de análise da Organização Ibero-Americana da Juventude (OIJ), considerando jovens as pessoas que se encontram na faixa etária de 15 a 29 anos.

A abordagem como período de transição ou ciclo de vida define a juventude como período de transição. O termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana de começo bem definido pelo aparecimento da puberdade e o estabelecimento do término da juventude varia segundo critérios e pontos de vista adotados para determinar se as pessoas são jovens.

O enfoque nas gerações emerge por meio da ideia de situação no processo social, estabelecendo um paralelo com a circunstância de classe. Corresponde à similaridade de situação num mesmo tempo histórico. Nesta perspectiva tem-se a ideia de que os jovens são inerentemente contestadores, ou, de que essa rebeldia é necessariamente transitória, como a juventude. Da mesma forma que, a juventude passa a ser vista a partir de seus potenciais de mudança, pela sua capacidade criadora e inventiva (WEISHEIMER, 2005).

Para a perspectiva juventude como cultura ou modo de vida, a juventude é vista como uma expressão da cultura de massas. A abordagem argumenta que a juventude se define por critérios culturais destacando-se uma cultura jovem e à importância de espaços de sociabilidade juvenis na constituição de suas identidades.

Já, na perspectiva da juventude como representação social e auto representação, o termo juventude designa um conjunto de relações sociais específicas, vividas por elementos classificados como jovens em uma dada sociedade. Mais do que uma faixa etária, a perspectiva fala em condição juvenil que aparece como uma posição hierárquica social

fundada em representações sociais, ou seja, na busca de responder os significados atribuídos que definem quem é e quem não é jovem em um dado contexto sociocultural. As representações sociais remetem à ideia de que a juventude é um processo transitório que marca a passagem de uma condição social da dependência para a de independência, ou seja, da fase da infância para a fase adulta (WEISHEIMER, 2005).

Conforme é possível constatar, o termo juventude remete a uma série de conceitos e, em função disso, muitos especialistas definem o termo de maneira divergente. De acordo com Carneiro e Castro (2007), a demarcação desta etapa da vida é sempre imprecisa, sendo referida ao fim dos estudos, ao início da vida profissional, à saída da casa paterna ou à constituição de uma nova família ou, ainda, simplesmente a uma faixa etária. Neste sentido, no presente estudo, embora se tenha realizado um recorte etário, afim de pragmatizar a pesquisa, entende-se a juventude de forma mais ampla do que apenas uma faixa etária. Acredita-se que as cinco abordagens acima se complementam e carregam características relevantes acerca da definição de quem é ou não considerado jovem.

2.1 Especificidades da juventude rural

Os estudos sobre juventude rural ainda são pouco expressivos (VIEIRA, 2004). Para Weisheimer (2009), a juventude rural na agricultura familiar do estado do Rio Grande do Sul está por ser estudada e escrita, isso porque o processo social que deixa os jovens invisíveis acaba afastando-os dos focos e objetos de pesquisas.

Segundo Carneiro (1998), jovem é uma categoria que não recebe qualificação específica por parte dos classificadores, eles podem ser estudantes, filhos de agricultores, entre outros adjetivadores. O jovem no meio rural é um aprendiz de agricultor no interior dos processos de socialização e de divisão social do trabalho no interior da unidade familiar.

A juventude no meio rural está presente na agricultura familiar por meio de sua inserção no trabalho no estabelecimento agrícola, uma vez que a agricultura familiar se caracteriza pela “[...] unidade de produção agrícola onde propriedade e trabalho estão intimamente ligados à família.” (LAMARCHE, 1993, p. 15). O trabalho dos membros da família é central na reprodução da agricultura familiar, geralmente os jovens já nascem em uma família de agricultores e, por isso, há a participação deles desde cedo nos processos produtivos.

Conforme Abramovay (1998), a agricultura familiar caracteriza-se pela forte associação entre as esferas de produção e de consumo, em estabelecimentos agropecuários em que a gestão, a propriedade e a maior parte do trabalho são provenientes de indivíduos que mantêm entre si laços de parentesco. Há o predomínio do chefe masculino na socialização do trabalho onde as mulheres se subordinam aos homens e os jovens aos seus pais (WEISHEIMER, 2009).

Os jovens rurais das gerações passadas construíam suas experiências em espaço social mais restrito que a as gerações atuais. No contexto contemporâneo as gerações possuem relações sociais e culturais mais amplas, possibilitando-lhes repensar suas identidades e suas relações pessoais (PEREIRA, 2004). A partir da ampliação de horizontes, visualizam-se dificuldades encontradas para a formação de novas unidades produtivas, uma vez que muitos jovens não desejam dar continuidade ao processo reprodutivo das propriedades como seus pais vêm fazendo.

O êxodo rural que afeta a agricultura familiar atualmente, atinge as populações jovens com muito mais ênfase que em momentos anteriores. Em decorrência do processo de êxodo rural está o processo de envelhecimento da população e também, o processo de masculinização do campo, já que as moças estão deixando a zona rural antes e numa proporção maior que os rapazes (ABRAMOVAY et al., 1998).

Para Brumer et al., (2000), as perspectivas da permanência dos filhos na atividade agrícola dependem principalmente das condições internas das famílias, tanto econômicas quanto sociais. Dentre elas, as autoras elencam a viabilidade econômica da propriedade, a qualificação para a entrada de novos mercados, as estratégias de obtenção de rendas complementares, a relação entre pais e filhos, a questão de gênero e a escolha profissional.

Os jovens rurais, oriundos da agricultura familiar, em alguns aspectos, amadurecem socialmente mais cedo que os jovens que se inserem em outras atividades produtivas devido a certas responsabilidades vinculadas ao processo de trabalho. Porém, eles tendem a atrasar sua autonomia social em função do caráter patriarcal que caracteriza esta atividade (WEISHEIMER, 2009).

2.1.1 O cultivo de tabaco e os jovens rurais

A produção de tabaco, de maneira geral, é realizada em baixa escala de produção por demandar muita mão de obra. O tamanho médio das propriedades produtoras de tabaco no Brasil é 16 hectares. Dentre os produtores, 24,5% (cerca de 47.000 famílias) não possuem terra e trabalham em terras arrendadas de outros ou em parcerias e 35% dos produtores de tabaco, no sul do Brasil, dispõem de propriedades que variam entre um a dez hectares. Dentre os proprietários, apenas 1% possuem mais do que 50 hectares. As plantações de tabaco ocupam 16,6% da área média das propriedades rurais, embora representem 68% da receita do estabelecimento (ASSOCIAÇÃO DE FUMICULTORES DO BRASIL - AFUBRA, 2011), o que se caracteriza o cultivo como sendo basicamente produzido pela agricultura familiar.

No Sul do Brasil o tabaco é desenvolvido em sistema de integração entre indústrias e fumicultores. O sistema teve início em 1918, em Santa Cruz do Sul e foi criado pela *British American Tobacco* (BAT - acionária da Souza Cruz). Para Boeira e Johns (2007), em grande medida, o sucesso econômico-financeiro das empresas fumageiras deve-se ao sistema de integração. Neste sistema, a indústria fornece os fertilizantes, as sementes, financiamentos para a construção de estufas, entre outros equipamentos e técnicas necessárias para o desenvolvimento do tabaco, o que acaba reduzindo a autônoma dos agricultores. Além disso, a assistência técnica é oferecida pelas empresas em troca da venda integral da produção com exclusividade.

O cultivo de tabaco apresenta uma série de externalidades negativas, pois na cadeia produtiva do tabaco utilizam-se diversos tipos de agrotóxicos, que expõem os agricultores e seus familiares a riscos e danos a saúde, provocando contaminações em mananciais aquíferos e reduzindo a vida microbiana dos solos. Além disso, no aspecto social, a produção de tabaco deixa os agricultores dependentes das empresas integradoras.

Todavia, a produção de tabaco permanece atuante em diversos municípios do estado do Rio Grande do Sul e em muitos destes, com significativa relevância econômica. O Rio Grande do Sul é o estado que apresenta maior produção de fumo em folha. Sua produção era de 278.928 toneladas, na média entre 1998 e 2000, passou para 320.034 toneladas, na média, de 2001 a 2003 e contabiliza 462.014 toneladas, na média, entre 2004 a 2006, o que representa 51,12% da produção nacional. A região do Vale do Rio Pardo é a maior produtora do Estado, com 181.109 toneladas, 39,2% da produção gaúcha (RIO GRANDE DO SUL, 2011). Porém, no ano de 2005, o Governo Federal tornou-se signatário da Convenção Quadro para Controle do Tabaco (CQCT) e, a partir das medidas presentes no acordo internacional, visualiza-se a possível redução no mercado consumidor de tabaco. Neste sentido, objetivando evitar que os produtores sejam prejudicados, foram lançados pelo Ministério do

Desenvolvimento Agrário programas de auxílio aos produtores para diversificar a produção, isto é, as famílias que demonstrarem interesse em mudar de atividade produtiva, passam a receber apoio governamental.

Além disso, no ano de 2008 o Governo Federal, juntamente com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) assinou um decreto considerando o cultivo do tabaco como uma das piores formas de trabalho infantil por apresentar riscos à saúde das crianças⁵. Nas regiões produtoras de tabaco, o decreto apresenta-se como um impacto negativo, uma vez que não se visualiza o trabalho das crianças como trabalho infantil e sim como uma ajuda na qual, de forma pedagógica, os conhecimentos são passados de pai para filho.

No cultivo de tabaco os jovens auxiliam os pais e familiares nas tarefas desenvolvidas pelo fato de o cultivo demandar mão de obra. Conforme Mascarenhas (2006), no passado, durante a introdução do tabaco nas propriedades rurais, as crianças não necessitavam se mudar para completar seus estudos. Os parentes podiam contar com a presença e com a ajuda dos jovens nas propriedades e as famílias tinham apoio das fumageiras, que ofereciam vantagens e baixos riscos financeiros a quem se envolvesse com a produção de tabaco, viabilizando o “progresso” no meio rural.

No entanto, atualmente, frente às percepções de esgotamento do ciclo de prosperidade relativo à produção do tabaco, as crianças são estimuladas pela família a completarem seus estudos e, eventualmente, migrarem para a cidade, caso estejam preparadas para o mercado de trabalho. Estudar tornou-se uma estratégia para se alcançar posições sociais mais elevadas, garantindo ao mesmo tempo em que a criança não se torne um marginal, tão pouco um produtor de tabaco (MASCARENHAS, 2006).

No entanto, no sul do Brasil, a partir dos dados da AFUBRA (2011), percebe-se que a produção do monocultivo de tabaco tem aumentado, com exceção de 2010 quando, e, devido a problemas climáticos, houve uma safra menor de tabaco.

3 METODOLOGIA

A metodologia utilizada caracteriza-se como qualitativa, partindo da utilização da etnografia enquanto instrumento viabilizador da pesquisa. A coleta de dados deu-se por meio

⁵Decreto nº. 6.481, de 12 de junho de 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm>.

de entrevistas semiestruturadas com 18 jovens, filhos de produtores de tabaco residentes do município de Arroio do Tigre, que estão projetando suas vidas no meio rural. Entrevistaram-se jovens, que se situavam na faixa etária entre os 14 e 25 anos de idade de 11 diferentes comunidades rurais, bem como se entrevistou 14 agentes de desenvolvimento e/ou líder local.

No estudo denominou-se agente de desenvolvimento e líder local o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rural (STR), ativistas do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), extensionista da Emater, professoras da Escola Estadual de Ensino Médio Arroio do Tigre, proprietários de centros comerciais (mercados) rurais, enfermeira, agricultores representantes do Conselho de Política Agrícola (CONDEPA) do município, entre outros. Salienta-se que a seleção dos entrevistados deu-se mediante a indicação de agentes de desenvolvimento e líderes locais e também por sugestão dos jovens entrevistados.

Como forma complementar as entrevistas, apropriou-se da observação participante. O estudo contou ainda com a utilização do caderno de campo. A técnica de anotar um caderno permite o registro detalhado de informações, observações e reflexões surgidas no decorrer da investigação (observação e entrevista). As observações realizadas durante a coleta de dados (abril de 2012 a fevereiro de 2013) foram anotadas em caderno de campo que foi revisitado diversas vezes durante a elaboração deste artigo.

3.1 O espaço empírico

No presente estudo, a realidade empírica deu-se no município de Arroio do Tigre - criado em 1963 -, localizado na região política administrativa do COREDE Vale do Rio Pardo, no nordeste do Rio Grande do Sul. O município de Arroio do Tigre localiza-se distante 248 km da capital, Porto Alegre.

Arroio do Tigre possui, segundo dados do IBGE (2010), 12.648 habitantes, sendo 6.686 (52,9%) moradores do meio rural e 5.962 (47,1%) moradores do meio urbano. O município possui uma área total de 318,2 km² e uma densidade demográfica de 39,74 habitantes/km².

O cultivo de tabaco é a principal atividade agrícola desenvolvida, sendo inclusive Arroio do Tigre, considerado o maior produtor sul-brasileiro de tabaco tipo Burley (REDIN, 2011, p.110). Segundo dados da Fundação de Economia e Estatística - FEE (2011), o tabaco,

no ano de 2010, ocupou 28,66% do total da área plantada (7.250 hectares), gerando 67,96% do valor da produção agrícola municipal (R\$ 76.833 mil).

Arroio do Tigre é conhecido pela produção de tabaco e também pela histórica Associação de Jovens Rurais de Arroio do Tigre (AJURATI). A AJURATI é uma entidade educacional, filantrópica, esportiva e recreativa, sem fins lucrativos e tem como objetivo central coordenar os grupos de jovens rurais, denominados juventudes, do município.

A organização dos jovens rurais do município foi fundada na década de 1980. A proposta de organizar grupos de jovens rurais foi apoiada pela EMATER/ASCAR, anos mais tarde ocorreu a formação da AJURATI. Inicialmente o trabalho do grupo de jovem estava diretamente relacionado à produção agrícola, pois as primeiras atividades desenvolvidas consistiam no fomento aos jovens para que eles preparassem uma lavoura em suas propriedades. Anos depois, os jovens sentiram a necessidade de atividades além das relacionadas ao *labore*, foi então que surgiu o dia do jovem com disputas esportivas.

A associação realiza desde 1996 o evento denominado “Olimpíada Rural de Arroio do Tigre”, o qual reúne grupos de jovens de comunidades rurais de todo o município com o objetivo de promover a integração e a participação do jovem rural na sociedade. Atualmente a AJURATI é constituída por 18 grupos de jovens rurais, distribuídos nas diversas localidades do interior do município, as quais disputam atividades esportivas entre si proporcionando valores em comum, a saber: união, respeito, espírito de equipe, valorizando a identidade do jovem (REDIN, 2009).

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados permite vislumbrar uma série de elementos relacionados à percepção que os jovens têm acerca do cultivo de tabaco. Conforme foi possível constatar, a renda que o cultivo representa gerar faz com que diversos jovens percebam o tabaco como sendo a única alternativa produtiva para a propriedade. Contudo, há muitas divergências em relação aos benefícios gerados pelo cultivo do mesmo.

4.2 Percepções acerca do cultivo de tabaco

A percepção positiva em relação ao cultivo de tabaco é visualizada em distintos discursos. “Em questão de renda ela é bem vantajosa, porque ele produz bem, em pouca área. Área pequena que nem nós temos (tabaco) é lucrativo” (Jovem 2, 23 anos, Linha Taquaral). “Ah, para gente aqui na roça [...] eu gosto de lidar com o fumo e tudo, porque é o que dá mais (renda) aqui para nós” (Jovem 15, 20 anos, Sítio Novo).

Em contrapartida, outro entrevistado mencionou que não considera o cultivo muito bom, mas, por enquanto o tabaco tem se tornado a única alternativa da família. “Bom não é, mas tem que plantar para sobreviver. Que nem aqui é... O que dá mais dinheiro é o fumo mesmo” (Jovem 16, 19 anos, Sítio Novo).

Há também alguns jovens que apesar de lembrarem-se das críticas que o tabaco vem sofrendo através das campanhas antitabagistas, percebem o cultivo como uma alternativa rentável para a manutenção e reprodução familiar. Na percepção dos mesmos, o cultivo não é considerado tão maléfico como a mídia mostra ser.

Tem muita gente que tá criticando por causa do cigarro e essas coisas [...] eu acho que se vai querer plantar alguma outra coisa em propriedade pequena não vai dar tanto que nem no fumo. Que nem se nós vamos querer plantar soja, alguma coisa, em propriedade pequena não vai funcionar porque nós não vamos tirar nem pra o nosso sustento... Para nós o fumo é o essencial, se tirar o fumo nós não temos nada. (Jovem 10, 15 anos, Linha Barrinha).

O governo é contra, mas se eles pensarem quantas mil famílias tem, que que adianta eles quererem tirar (o tabaco), o que que eles vão fazer com tudo isso? Assim já tem gente que quase morre de fome, imagina sem o fumo, isso é só com Bolsa Família, e mesmo assim não adianta (Jovem 12, 14 anos, Linha Ocidental).

Por outro lado, identificou-se jovens que percebem o cultivo de tabaco negativamente devido ao excesso de agrotóxicos utilizado no decorrer de sua produção. “É plantado, contra a vontade porque usa muito agrotóxico” (Jovem 4, 20 anos, Linha Paleta). Outros que reclamam do uso de agrotóxicos, mas lembram da rentabilidade. “Sempre esta lindando com o veneno, mas é rentável, dá uma boa renda” (Jovem 1, 22 anos, Linha Paleta). “Acho que ela (a cultura do fumo) é rentável, mas a única coisa são os venenos, se não se prevenir...” (Jovem 5, 24 anos, São Roque).

Eu acho que o fumo por mais que ele de serviço, ele rende no dinheiro, só que ele deveria render mais, deveria ser mais valorizado e eu só acho que deveria ser cultivado de outra maneira, sem os agrotóxicos, porque tem muitos problemas de intoxicação (Jovem 13, 14 anos, Linha Taquaral).

Dentre os fatores associados à percepção negativa dos jovens sobre o cultivo do tabaco está a empresa integradora e a falta de autonomia dos agricultores no momento da venda da produção, os quais não possuem poder de barganha para discutir o preço do produto e acabam aceitando as imposições da fumageira. Os jovens acreditam que as empresas poderiam oferecer auxílio aos agricultores, sobretudo valorizando mais o produto.

Eu acho que tinha que ser outro jeito. O certo, nós não podia ir na firma vender o fumo, eles tinham que vir comprar, de atrás de nós. Não nós ir pegar e oferecer o nosso coiso que nós temos lá, eles tão dependendo de nós. Nós estamos fabricando o produto, o que eles pagam cem pila pra nós eles vendem a quinhentos, seiscentos reais (Jovem 8, 24 anos, Linha São Pedro).

Eu acho meio termo. Não está bom, nem está ruim. As empresas deveriam dar mais auxílio, alguma coisa a mais. Melhorar o preço, também (Jovem 17, Linha Coloninha).

A classificação do tabaco foi o principal fator de descontentamento dos agricultores de Monte Castelo/SC com a agroindústria tabaqueira (UBA, 2012). Associando a problemática do preço recebido pelo produto teve jovem que mencionou ainda a questão da sazonalidade e das especificidades da agricultura, principalmente a dependência do clima.

É um pouco problemático porque a gente trabalha, trabalha, na hora de vender, às vezes, se incomoda. O tempo, às vezes não ajuda, a gente se preocupa bastante, porque um ano é seca, outro ano é chuva (Jovem 18, 20 anos, Linha Coloninha).

No estudo realizado por Agostinetti et al., (2000), o grau de satisfação dos fumicultores com o sistema de integração foi bastante variável. Dentre os principais motivos de insatisfação com a indústria, a classificação final do fumo foi o mais citado (23,4% dos entrevistados).

O elevado custo para produzir tabaco também faz parte das percepções negativas que os jovens têm acerca do cultivo. Pelo discurso do jovem pode-se visualizar que a sua percepção acerca do cultivo fez com a família buscasse alternativas produtivas.

Eu vejo que a produção de fumo que tá se tornando uma cultura que daqui um tempo não vai ser mais viável, por isso que nós estamos diversificando a propriedade para poder um dia não precisar mais depender do fumo, poder plantar outras coisas (Jovem 9, 24 anos, Linha São Pedro).

No entanto, percebe-se que o tabaco ainda é visto positivamente pelos agentes de desenvolvimento e líderes locais, como por exemplo, a visão do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR). Para o agente, o tabaco é responsável pela permanência dos

jovens no meio rural local, embora ele ressalve a importância de diversificação, defendendo a importância dos agricultores não ficarem dependentes de um único cultivo.

O tabaco é importante e fundamental no nosso município, mas a gente tem que trabalhar pra que a gente consiga alternativas de renda (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

A diversificação da produção contribui para melhorar a qualidade de vida dos produtores, reduzindo a dependência a um só produto, deixando os produtores mais autônomos, uma vez que ela amplia o leque de possibilidades que permita à agricultura dinamizar-se, de forma a não ficar a margem dos preços e mercados de um produto.

Segundo Agostinetti et al., (2000), embora seja, atualmente, uma das poucas alternativas para os agricultores familiares descapitalizados, a fumicultura tem sido questionada quanto às reais possibilidades de promover melhorias na qualidade de vida, especialmente devido ao uso excessivo de agrotóxicos, ao grande esforço físico exigido no manejo da cultura, especialmente no período de colheita e à elevada demanda de mão de obra em determinadas épocas do ano.

Por outro lado, conforme argumentam Vargas e Oliveira (2012), o peso do tabaco na economia regional geralmente impede a implementação de políticas locais voltadas a fomentar a substituição deste cultivo. Além disso, as percepções positivas dos tomadores de decisões e dos formadores de opiniões, como as dos agentes de desenvolvimento e líderes locais, dificultam o planejamento de ações que vão ao sentido de reduzir ou eliminar o cultivo de tabaco das propriedades rurais.

Em face desse contexto, faltam alternativas ao pequeno agricultor, pois a baixa rentabilidade dos cultivos tradicionais, aliada à descapitalização e à dificuldade de acesso ao crédito conduz à produção de tabaco (AGOSTINETTO et al., 2000). Contudo, como pode ser observado no discurso a seguir, “a mãe, por ela, plantaria mais fumo. Porque não precisa, nós depois que paramos de plantar fumo, nunca faltou nada, assim” (Jovem 11, Linha Taquaral).

Em relação às percepções dos agentes locais acerca do cultivo de tabaco e a permanência dos jovens no meio rural, afirma-se que elas vão ao sentido de que o tabaco mantém o jovem no campo. Para agentes de desenvolvimento locais, o cultivo é responsável pelos jovens desejarem permanecer no meio rural, uma vez que o tabaco é rentável e oferece condições econômicas e de infraestrutura para que os jovens estudem e tenham qualidade de vida.

A permanência do nosso jovem no município é devido ao tabaco. Isso é certo, isso não tem como negar. Mas a gente tem que trabalhar pra que a gente consiga alternativas de renda. Então você deve ter o tabaco como fonte maior de renda, mas também deve ter alternativas, porque tu te fixa numa monocultura é muito perigoso e isso excede a produção (Presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais).

Todos esses nossos jovens, hoje o nosso município tem em torno de 55% da nossa população no meio rural e quarenta e poucos por cento está nas cidades, nos bairros. Eu vou dizer uma coisa, esses nossos jovens estão no interior ainda, por causa do tabaco. O tabaco segura, porque é uma mão de obra familiar. Algumas famílias quando plantam, tem que planta um pouquinho mais, contratam mão de obra terceirizada pra só pra colheita. Mas o tabaco segura mão de obra familiar (Técnico da Emater aposentado).

Porém, não foi exatamente isso que a pesquisa com jovens revelou. Para sete jovens entrevistados, o tabaco exerce influência no desejo de permanência no meio rural pela renda gerada. “A maioria que fica é por causa do fumo, é, porque ele dá renda. Maioria das vezes é por causa da renda” (Jovem 18, 20 anos, Linha Coloninha).

O fumo tem [...] porque se não é o fumo, pra nós aqui, se não é o fumo [...] é [...] segura quem precisa e quem gosta. Lidar com o fumo, é o fumo que segura (os jovens no meio rural local) (Jovem 16, 19 anos, Sítio Novo).

Outros seis jovens acreditam no oposto, ou seja, que o tabaco é responsável pela saída dos jovens do meio rural, alguns associando ao excesso de trabalho outros as condições de vida.

Acho que o fumo tem afastado bastante, pelo serviço. Tem gente que não gosta do serviço, é um pouco mais pesado. Tem suas vantagens, mas tem as desvantagens. E acham que é mais fácil na cidade e tudo, não tem aquele compromisso. (Jovem 2, 23 anos, Linha Taquaral).

Há ainda jovem que não crê que o tabaco tenha influência na decisão de sair ou permanecer no meio rural, embora ele seja um cultivo rentável.

O tabaco da uma boa rentabilidade, mas com certeza muita gente, se tivesse outra cultura que dava mais renda, não plantariam tabaco. Ele não segura o jovem no rural (Jovem 1, 22 anos, Linha Paleta).

Como na fala da jovem, o cultivo de tabaco não possui relação com o desejo e permanência, pois “Isso depende, tem uns (jovens) que vão, uns que ficam” (Jovem 7, 25 anos, Linha Progresso). Nesse sentido, pode-se dizer que o tabaco, embora seja percebido com um cultivo que desenvolve o interesse dos jovens na permanência no meio rural local,

para os jovens entrevistados esta correlação não é verdadeira. O cultivo não é o responsável pelo desejo de ficar ou sair do meio rural.

5 PARA NÃO CONCLUIR: BREVES CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou apresentar a diversidade de percepções dos jovens rurais produtores de tabaco em relação ao cultivo do produto. Visualizou-se que apesar dos jovens terem percepções diferentes em relação ao tabaco, todos são produtores e ou filhos de agricultores familiares que desenvolvem o cultivo em suas propriedades rurais.

O preço que o produto é comercializado, a falta de “poder” poder de negociação do produtor, o elevado custo de produção, o uso intensivo de agrotóxicos e a dependência com as empresas fumageiras são lembrados pelos entrevistados como aspectos negativos que o cultivo de tabaco apresenta. No entanto, a renda aparente que o cultivo gera faz com que o tabaco seja a principal atividade econômica do município.

É unânime a percepção em relação ao aspecto econômico do cultivo, sendo a renda gerada o principal motivo para o desenvolvimento do tabaco nas propriedades rurais do município de Arroio do Tigre. Por outro lado, percebe-se que há jovens se questionando acerca dos custos elevados e dos impactos que o sistema de produção envolve. O *squeeze* (tesoura de preços) praticamente inviabiliza a produção, sobretudo se considerado o custo da lenha utilizada para a cura do tabaco e a mão de obra envolvida na produção.

Por fim, salienta-se a necessidade de se repensar ações direcionadas para os jovens, estes que são os responsáveis pelas dinâmicas de desenvolvimento rural, sendo os agentes produtores de produtos agrícolas daqui a 20, 30 anos. Necessita-se de políticas, sobretudo governamentais que aliem o desenvolvimento econômico as capacidades e interesses dos agricultores, da mesma forma que se leve em consideração as especificidades e as limitações do meio ambiente.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, R., SILVESTRO, M.L., CORTINA, N., BALDISSERA, I.T., FERRARI, D.L., TESTA, V. M. **Juventude e agricultura familiar**: desafios dos novos padrões sucessórios. Brasília: UNESCO, 1998.

ABRAMOVAY, R. "Agricultura familiar e serviço público: novos desafios à extensão rural." Brasília. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**. Brasília, v. 15, n.1, p.132-152, jan./abr. 1998.

AGOSTINETTO, D. et al. Caracterização da fumicultura no município de Pelotas-RS. **Rev. Bras. de AGROCIÊNCIA**, v.6, n. 2, p.171-175, Mai./Ago. de 2000.

ASSOCIAÇÃO DOS FUMICULTORES DO BRASIL. AFUBRA. **Dados sobre a fumicultura**. 2005. Disponível em: <www.afubra.org.br>. Acesso em: 14 de mar. 2011.

BOEIRA, S.L., JOHNS, P. Indústria de Tabaco vs. Organização Mundial de Saúde: um confronto histórico entre redes sociais de stakeholders. **Interthesis**, Florianópolis, v.4, n.1, p.1-25, 2007.

BRUMER et al. Juventude rural e divisão do trabalho na unidade de produção familiar. In: **Congresso Internacional Rural Sociology Association (IRSA)**, Rio de Janeiro, Anais, 2000.

CARNEIRO, M.J. O ideal rurbano: campo e cidade no imaginário de jovens rurais. In: SILVA, F.C.T., SANTOS, R., Costa, L.F.C. (Org.). **Mundo Rural e Política: ensaios interdisciplinares**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas (SP), n.24, p. 40-52, set/out./nov./dez., 2003.

DURSTON, J. (Org.). **Juventude rural: modernidad y democracia em América Latina**. Santiago de Chile: Cepal, 1996.

FROSSARD, A.C. **Identidade do jovem Rural confrontando com estereótipo de Jeca Tatu: um estudo qualitativo com os jovens da EFA Rei Alberto I**. 2003. p 209. Dissertação (mestrado em Ciências da Educação), Universidade Nova De Lisboa – Portugal, Universidade François Rabelais De Tours – França, Nova Friburgo - RJ, 2003.

FUNDAÇÃO DE ECONOMIA E ESTATÍSTICA. FEE. **Dados Município de Arroio do Tigre**. 2011. Disponível em: <http://www.fee.rs.gov.br/feedados/consulta/menu_consultas.asp?tp_Pesquisa=var_Anual>. Acesso em 09 de agosto de 2011.

GOMES, I. Diversidades e comportamentos juvenis: um estudo dos estilos de vida de jovens de origem étnico-culturais diversificadas em Portugal. **Revista Portuguesa de Saúde Pública**, Lisboa, v. 19, n. 1, p. 41-64 jan - jun. de 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 28 de set. 2010.

LAMARCHE, H. (Coord.). **A agricultura familiar: comparação internacional**. Tradução Ângela Maria Naoko Tijiwa. Campinas, SP, Unicamp, 1993.

MASCARENHAS, A. O. M. **Cultura organizacional e mudança cultural: a contribuição Sahliniana e o caso Cedejor**. 2006. 393f. Tese (Doutorado em Administração de Empresas). Fundação Getúlio Vargas, São Paulo: 2006.

PEREIRA, J. L.G. **Juventude Rural**: para além das fronteiras entre campo e cidade. 2004. 178f Tese (Doutorado em Sociedade e Agricultura). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Agricultura, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica (RJ), 2004.

REDIN, E. O Jovem Rural Conquistando o Seu Espaço: Um [re] olhar sobre as Questões Sociais. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v.4, n. 2/nov. 2009.

REDIN, E. **Entre o produzir e o reproduzir na agricultura familiar fumageira de Arroio do Tigre/RS**. 2011. 261 f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria (RS), 2011.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Gestão e Participação Cidadã. Fumo. In: _____. **Atlas socioeconômico Rio Grande do Sul**. 2011. Disponível em: <<http://www.scp.rs.gov.br/atlas/atlas.asp?menu=266>>. Acesso em: 21 de jan. de 2012.

SILVA, V.T.C. **O jovem rural como ator principal para a construção de um novo modelo rural, promovendo um espaço de qualidade de vida, sustentabilidade social e ambiental**. Porto Alegre: EMATER/RS-ASCAR, 2007. Disponível em: <http://osgeydel.cebem.org/docs/19bra_431_204354.pdf>. Acesso em 2 fev. de 2012.

TROIAN, A. Percepções e projetos de jovens rurais produtores de tabaco de Arroio do Tigre/RS. 2014. 286 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

UBA, D. **Agricultores familiares e diversificação em áreas de cultivo de tabaco: o caso de Monte Castelo/SC**. 2012. 148f. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural). Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria/ RS, 2012.

VARGAS, M. A., OLIVEIRA, B. F. Estratégias de diversificação em áreas de cultivo de tabaco no vale do Rio Pardo: uma análise comparativa. **Resr**, Piracicaba, SP, v.50, p. 175-192, Jan./Mar. de 2012.

VIEIRA, R.S. **Juventude e sexualidade no contexto (escolar) de assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra**. 2004. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

WEISHEIMER, N. **Juventudes rurais**: mapas de estudos recentes. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2005.

WEISHEIMER, N. **A situação juvenil da agricultura familiar**. 2009. 330f. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.